

## O GERMANISMO DE CARLOS VON KOSERITZ

Moacyr Flores

O cientista, orador, jornalista, historiador, teatrólogo, romancista e político Karl Julius Christian Adalbert Heinrich Ferdinand von Koseritz nasceu em Dessau, Alemanha, a 3 de fevereiro de 1834 e faleceu em Porto Alegre no dia 29 de maio de 1890.

Dotado de agudo senso histórico, observou e criticou as mudanças político-sociais, indicadoras do declínio do Império do Brasil, contrapondo uma cultura teuto-brasileira ao francesismo que invadia o Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul, com a fundação, em 1880, da Sociedade Literária Culto às Letras, que tinha como objetivo divulgar o positivismo.

Tendo sido em Pelotas guarda-livros e professor, escreveu, em 1850, **Resumo de História Universal**. Como jornalista, atuou nos jornais "O Brado do Sul", "Eco do Sul", e "O Povo". Em 1864, passou a residir em Porto Alegre, dirigindo os jornais "Deutsche Zeitung" e "Gazeta de Porto Alegre" e colaborando no "Jornal Ilustrado do Sul". Em 1876, fundou "A Acádia", órgão da maçonaria que atacava a Igreja Católica. Em 1886, com os mesmos objetivos criou o periódico "O Combate".

O período de 1864 a 1890 pode ser considerado a era de Koseritz.

Sua bibliografia é vasta, se considerarmos os artigos e crônicas publicadas em jornais. Imitando os dramas europeus, que estavam em moda no teatro nacional, escreveu: **Nini**, representado em 1858 no Teatro Sete de Abril de Pelotas; o drama **Inês**, cuja ação se passa na Bahia, no ano de 1645; o drama trágico **Clara**, que tem como local de ação o Rio Grande do Sul. O romance **Laura** foi publicado em 1875; o romance **A Donzela de Veneza**, de acordo com os padrões românticos, não se destaca nem pela trama nem pelos personagens.

Em 1870, Koseritz reuniu artigos publicados em jornais no livro **Resumo da Economia Nacional**, composto na tipografia do "Jornal do Comércio", na Rua dos Andradas, 229, em Porto Alegre. A obra está dividida em três partes: na primeira, historia o desenvolvimento da Economia desde a Antiguidade Clássica até a época de Adam Smith e seus sucessores; na segunda parte comenta as idéias fundamentais de produção, trabalho, capital, valor, preço, dinheiro, salário do trabalho, lucro, renda territorial e propriedade; na terceira, analisa a lei do progresso humano,

instrumentos e máquinas, o espírito econômico, a renda, a distribuição da fortuna, o consumo, a concorrência e a rotina, a permutação, o comércio, os mercados, a lei do aumento da população, a escolha da profissão, a letra, os bancos e suas transações, o estado e a economia nacional. Conforme explica, no início, Koseritz compilou as obras de Adam Smith, Bastiat, Carey Roscher, J. B. Say e dos dois Stuart Mill, sendo, porém, seu mestre e guia, Maximiliano Wirth. Infelizmente Koseritz não publicou o segundo volume, que trataria da economia do Rio Grande do Sul.

Koseritz pertencia ao Partido Liberal, considerando a monarquia parlamentarista como a melhor forma de governo para o Brasil. Defendia a federação em função de diversificação das economias regionais, pretendia a abolição da escravatura, incentivando a imigração alemã e a italiana, tendo inclusive participado da fundação da Sociedade Central de Imigração. Publicou no "Boletim da Sociedade Geográfica e Comercial de Berlim", o ensaio **Conselhos para as pessoas que querem emigrar para o Brasil**.

Lutou muito para impedir a imigração chinesa como mão-de-obra para os cafezais paulistas.

Koseritz foi o primeiro, no Brasil, a lançar a doutrina materialista científica, baseada no evolucionismo darwiniano. Lutou pela introdução da cultura germânica no Brasil, querendo que os teuto-brasileiros conquistassem importância política sem influência dos cônsules estrangeiros. Os atritos com os representantes diplomáticos surgiam porque Koseritz estabelecia distinções entre os emigrantes alemães. Ele considerava aquele que permanecia na cidade com o objetivo de enriquecer, como um estrangeiro, reservando o tratamento de colono àquele que permanecia na exploração da terra, fixando-se, constituindo família. Koseritz deu um exemplo de seu teuto-brasileirismo casando com D. Zeferina Maria de Vasconcelos, em 1856.

No fim do século, a cultura francesa tornou-se moda no Brasil. Ir a Paris era o grande sonho do intelectual brasileiro, não falar francês era uma falha imperdoável. Da França, vinham as estruturas do pensamento, a moda, o romance, o dramalhão de teatro e as idéias políticas.

Koseritz defendeu a germanidade, atacando os francófilos, abrindo polêmicas com Júlio de Castilhos, no **Jornal Gazeta de Porto Alegre** (1879-1884), pois considerava o positivismo uma filosofia errada por ser antropocêntrica. Maçom militante, criticou violentamente D. Sebastião Dias Laranjeiras na luta do prelado contra a Assembléia Legislativa. Havendo religião de Estado, só os católicos podiam votar e se candidatar, sendo excluídos da participação política os teuto-brasileiros de outras confissões religiosas. Koseritz lutou pela liberdade religiosa, mas professan-

do o materialismo científico, atacou o catolicismo e o protestantismo, concentrando suas críticas violentas nos jesuítas, apontados como símbolos do obscurantismo.

Em 1883, tendo ido ao Rio de Janeiro, impressões desfavoráveis sobre a capital, com seu calor, perigo de febre amarela e ruas estreitas onde desfilava uma sociedade frívola, formando um clube em cada esquina, onde se discutia política e se falava mal da vida alheia. Defendendo a idéia da federação, Koseritz censurou o sistema de centralização na capital do Império, onde se dissipavam colossais massas de dinheiro, em obras e edifícios públicos grandiosos e luxuosos, enquanto nas províncias que geravam riquezas, cada vintém era virado de todos os lados, antes que alguém se decidisse a largá-lo.

Em seus artigos sobre questões políticas, Koseritz criticara o Imperador, mas ao ver o paço imperial, uma casa velha, podre, arruinada, maltratada, nunca pintada e com o andar térreo alugado a negociantes e barbeiros a fim de que D. Pedro II tivesse renda para suas obras de caridade, passou a defender nosso monarca como pessoa honrada e bem intencionada.

Criticou violentamente o hábito de o governo central obrigar as províncias a pagarem impostos para gastá-los no embelezamento do Rio de Janeiro, aterrando pântanos, derrubando morros, construindo praças, quando no interior havia falta de estradas de ferro. Gastavam milhões construindo suntuosos palácios para os ministérios, enquanto apenas concediam dinheiro para os estudos da barra do Rio Grande, que isolava a província do Império.

Koseritz não poupou sarcasmo ao descrever a chegada da Corte ao Senado para ouvir a leitura da fala do trono do Imperador. As carruagens do século passado, gastas e desengonçadas, as librés verdes desbotadas dos escravos e cocheiros, os familiares da corte vestidos em uniformes e com chapéus tricórnios iguais aos usados pelos cocheiros de Porto Alegre; o envelhecimento da princesa Isabel, que desceu da carruagem sem aplausos do povo; a chegada de D. Pedro II com manto de penas de papo de tucano, sapatos de fivelas, meias de seda, calções, casaca de veludo coberta de condecorações, recebido pelos populares quietos, sem um viva; tudo isto, segundo Koseritz, transformou a corte num desfile carnavalesco e algumas das figuras do Império pareciam macacos de circo de cavalinhos.

Suas observações sobre o palácio imperial na quinta de São Cristóvão não são lisonjeiras. O parque estava ocupado por casas grandes e pequenas, limitadas com cerca, jardins e hortas; e estabelecimentos industriais havendo também escolas que a benevolência do Imperador

permitiu que ocupassem. Não havia guardas palacianos, ninguém pedia identificação. Os arredores do palácio ficavam ocupados por mulheres e crianças que aos sábados recebiam esmolas da Imperatriz. Koseritz criticou a feia decoração interna, onde, nas paredes, pinturas antigas contrastavam com o vasto retrado do Grande Frederico, único quadro realmente bom, pintado por excelente mestre alemão.

Em 1883, a situação política do Império estava confusa, com a dissolução do gabinete liberal de Paranaguá, por causa de um grupo dissidente. O Partido Liberal detinha a maioria no Parlamento, mas estava dividido em grupos que procuravam combinações possíveis para se manterem no poder. A Fala do Trono acentuava a necessidade de descentralização, pedindo maior soma de poderes para as províncias e autonomias para o municípios, solicitando, ainda, reformas radicais no ensino e medidas tendentes à abolição da escravatura. Nada escapou ao espírito arguto de Koseritz, que afirmou ser este programa o máximo de reforma que o Trono poderia suportar. A execução do programa político sofreu uma interrupção pela falta de consciência política de quinze deputados liberais dissidentes, que votaram com os conservadores, derrubando o ministro Paranaguá.

Em Porto Alegre, Koseritz era da oposição porque o ministro Paranaguá nomeara Souza Lima presidente da Província do Rio Grande do Sul, mas, no Rio de Janeiro, lendo o programa de reformas do moribundo gabinete, passou a defendê-lo, ainda mais quando o ministro não quis que o Imperador dissolvesse a Câmara de maioria liberal. Os inimigos de Koseritz diziam que sua mudança de opinião baseava-se no desejo de receber o Ministério da Agricultura. Diga-se de passagem que ele era homem talhado para o posto, pois conhecia muito bem a situação da agricultura no Rio Grande do Sul, mormente na zona colonial.

Koseritz examinou os possíveis candidatos a ministro e chegou à conclusão de que tanto o Partido Liberal como o Conservador estavam frente a frente ao nada. Os dois partidos dividiam-se em pequenos blocos por questões pessoais. Aumentando a confusão, a imprensa nada respeitava, em todos atirava lama, buscando o escândalo para vender exemplares, cavando, assim, a ruína do país. Koseritz aconselhou a limitação da liberdade de imprensa, embora fosse jornalista, porque os periódicos não defendiam doutrina, apenas anarquizavam.

A escolha do novo ministro demorou devido aos arreglos e cabalas entre os diferentes grupos de liberais, até que o Imperador, ameaçando escolher um conservador, fez com que os liberais indicassem o conselheiro Lafaiete para decifrar o enigma do governo. Koseritz informou a seus leitores que quem comandava o novo ministério era Gaspar Silveira Martins, cunhado do novo ministro e que, não contando com o apoio do Norte e do Nordeste, não pôde ser escolhido para o cargo.

Koseritz descreveu a Câmara dos Deputados, onde os pais da pátria guardavam seus chapéus no armário de 120 gavetas fechadas a chave, com medo de serem roubados. Criticou os tipos humanos e a facilidade com que se comprava um título de barão ou uma cadeira de deputado por uma dezena de contos.

Koseritz informou que D. Pedro II não se cercava de guardas com fuzis carregados, baionetas caladas, sabres desembainhados e espiões policiais. Nenhuma bomba ou revólver ameaçava sua existência, mas também não era amado, o povo considerava-o uma instituição nacional. Havia pobreza, mas não havia miséria. O povo ria e fazia pilhéria das classes dominantes, utilizando como bombas os artigos da imprensa e as caricaturas dos jornais ilustrados.

Koseritz considerava tudo que era de origem germânica como o melhor que havia. Assim, ao chegar ao Rio de Janeiro recomenda como três locais onde servem excelente almoço, o Heydtmann, o Petzold e o Clumbacher, preferidos pelos alemães mas não pelos brasileiros. O Imperial Colégio D. Pedro II foi considerado estabelecimento modelar, pois os alunos alegres e mais livres, sem traços de fingimento e de hipocrisia. A causa de tudo era ser um estabelecimento leigo, que adotava o sistema e todas as matérias do curso ginásial alemão.

Na Rua do Ouvidor, visitou uma grande loja com dez seções diferentes de calçados, fazendas, chapéus de senhora e artigos de moda, com o curioso nome de "Notre Dame de Paris". Cada seção tinha um chefe com caixeiros, que atendem, extraem notas e dizem em francês que o freguês passe à caixa para efetuar o pagamento. Esta loja lembrou-lhe as grandes, existentes em Berlim.

Koseritz sentiu que o príncipe Henrique, da Alemanha, em visita ao Rio de Janeiro, não merecera destaque na imprensa brasileira nem despertara interesse entre os populares. Comentava que, se o príncipe fosse de outra nacionalidade, a acolhida teria sido diferente.

Ao saudar o príncipe Henrique num banquete, Koseritz definiu o seu germanismo, falando em nome de homens que estavam separados da pátria havia trinta, quarenta, cinquenta e mais anos, muitíssimos dentre eles pertencentes à nação alemã somente pela língua e pelos costumes, pois nascidos no Brasil em primeira, segunda ou terceira geração; muitos outros, como ele próprio, alcançaram a cidadania brasileira a fim de participarem da vida pública da nova pátria e contribuíssem para o futuro desta soberba terra, tão ricamente aquinhoada pela natureza e na qual os seus filhos viram a luz; mas todos conservam no coração amor fiel pela velha pátria, falam a língua da Alemanha, vivem em constante intercâmbio mental com ela e conservam, ainda, as virtudes alemãs do sentimento do dever, da vontade de trabalhar, dos costumes auteros. O germanismo constava de amor à antiga pátria e respeito à nova, que lhes dava o sustento.

Melancolicamente o regime está no fim, o circo de cavalinhos vai encerrar seu espetáculo, que já não é mais aplaudido pelo povo. Há uma classe média em ascensão, filhos de imigrantes que se consideram brasileiros e não aceitam o governo dos barões do café, não querem o predomínio do latifúndio e desejam a descentralização do poder. A crise do Império gerou ideólogos e juristas que construíram estruturas institucionais elevadas, em busca da pureza de pseudoparticipação democrática genuína, onde todo o poder emanava do povo e em seu nome seria exercido. Infelizmente estes juristas continuavam alienados da realidade brasileira. O Império não superou a crise da mão-de-obra, sufocou as aspirações de autonomia das províncias e quando desconsiderou o exército, bastou o movimento de tropa para cair a monarquia. O Império não foi derrubado, desmoronou-se.

Koseritz não era republicano, mas respeitou o advento da República, apelando aos seus partidários que se submetessem à nova ordem a fim de evitar derramamento de sangue.

Koseritz era um líder nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Seus artigos eram lidos na corte e muitos o consideravam um sábio; era, portanto, elemento perigoso aos jacobinos republicanos, pois acalentava idéias monárquicas, com posição anticlerical e também atacava o positivismo. Avisado por amigos, refugiou-se em maio de 1890, na chácara de José Vicente da Silva Teles, Pedras Brancas, onde a polícia de Porto Alegre, com doze homens, manteve-o incomunicável por oito dias, sofrendo as maiores humilhações. O protesto de amigos obrigou a polícia republicana a solicitar Koseritz, que regressou à sua casa, em Porto Alegre, onde, após narrar por escrito a violência de que fora vítima, faleceu na noite de 29 para 30 de maio daquele mesmo ano de 1890. A oposição reconheceu os seus méritos como líder da germanidade e filho leal da nova pátria, através do necrológio publicado no jornal **A Federação** por José Francisco de Assis Brasil.

Encerrou-se, assim, a era Koseritz, que representa o apogeu da cultura teuto-brasileira, no início da República.

#### BIBLIOGRAFIA

- Koseritz, Carlos von - **Imagens do Brasil**. São Paulo, Martins, 1972.  
Carneiro, José Fernando - **Karl von Koseritz**. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959.  
Cesar, Guilhermino - **Carlos von koseritz**, em "Fundamentos da Cultura Rio-Grandense".  
César, Guilhermino - Koseritz e o Naturalismo, em "Organon", 12 (12) 89/79. Porto Alegre, Univ. Federal do RS, 1967.  
(Transcrito de **Cultura Sul-Rio-Grandense**, págs. 9/16. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português/Ci-pel, 1981.)